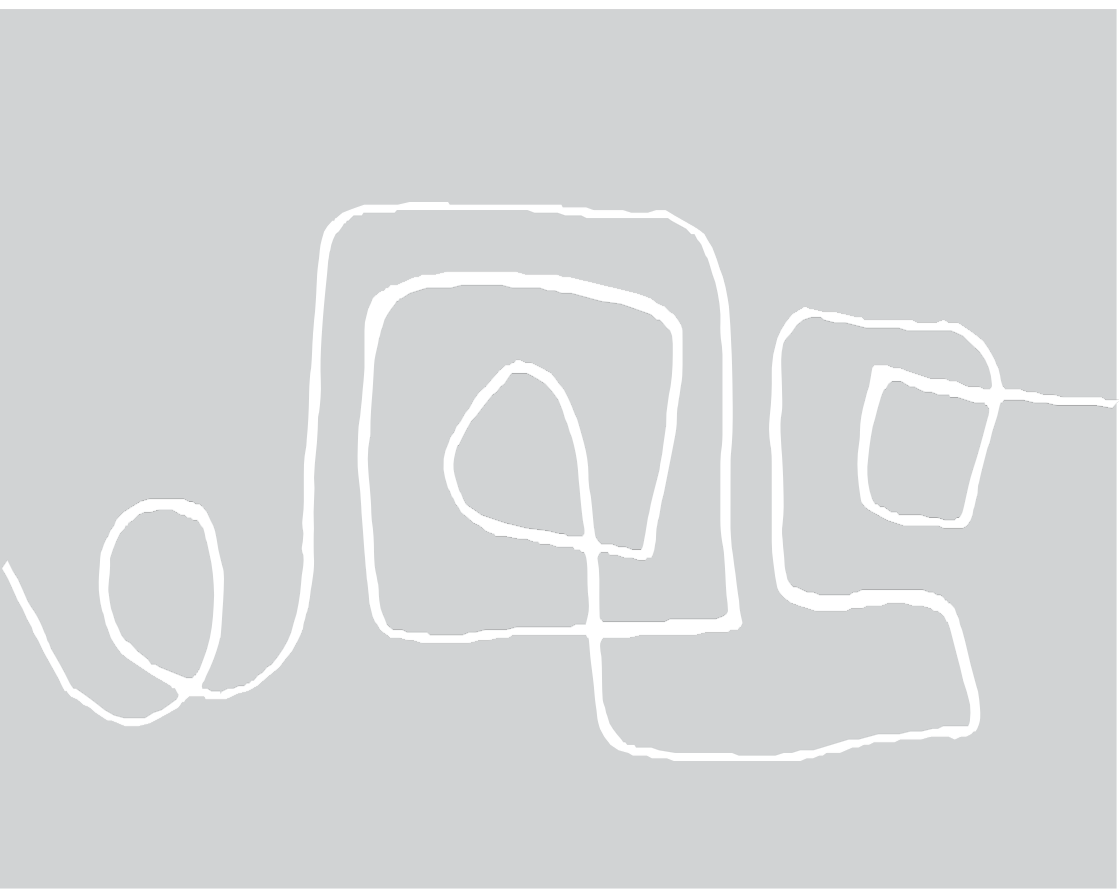


Caminhos e descaminhos da Psicanálise

In: *Até que a Psicanálise nos separe*
Freitas, A; Duarte, R. (orgs). São Paulo: Literária, 273--292, 2025

Paulo Roberto Ceccarelli



Caminhos e descaminhos da Psicanálise

Paulo Roberto Ceccarelli

O instigante título do livro, *Até que a psicanálise nos separe*, pareceu-me uma boa ocasião para colocar em palavras o meu percurso de mais de três décadas com a Psicanálise, marcado por errâncias no universo psicanalítico.

Tudo começou quando cursava Engenharia Elétrica na UFMG, em Belo Horizonte, nos idos do século passado. A certa altura do curso, quando estudava os circuitos elétricos, dispositivos interconectados que permitem a passagem da corrente elétrica, tive a oportunidade de ler alguns textos da metapsicologia freudiana. Dentre eles, *As pulsões e suas vicissitudes* (Freud, 1915) impressionou-me particularmente pelas semelhanças entre alguns conceitos ali apresentados e certas definições da Física, em particular da Física Quântica.

Aos poucos, fui percebendo o quanto as questões em torno da construção da “realidade” eram de peso tanto para a Física quanto para a Psicanálise (Ceccarelli, 2019). Estabelecer uma interdisciplinaridade entre Física e Psicanálise seria, no mínimo, pretencioso, pois suas respectivas epistemologias são de difíceis comunicação.

Contudo, constatei que alguns postulados de uma teoria poderiam ajudar-me a compreender os da outra: as per-

turbações provocadas pelas premissas freudianas, sobretudo em nossas “certezas conscientes” são muito próximas das que as teorias de Einstein provocaram (Ceccarelli, 2009).

Em 1905, ano da publicação de um dos textos freudianos mais revolucionários – *Três ensaios sobre a teoria sexual* – as publicações de Albert Einstein (1905-1915, 1953) descentraram a visão newtoniana do mundo, já fortemente abalada pelos trabalhos de Faraday e Maxwell sobre os fenômenos eletromagnéticos.

Se os propósitos einsteinianos interrogaram a Física Clássica, a perspectiva freudiana do funcionamento psíquico propõe uma integração corpo/espírito, que interroga o *cogito ergo sum* cartesiano, o qual identificava o homem ocidental a sua consciência em detrimento do conjunto de seu ser.

A dualidade onda-partícula, que faz com que no nível subatômico os elementos possam ser descritos tanto como partículas sólidas quanto como ondas, é a constatação mais desconcertante da Física Quântica. Consequentemente, a realidade passa ser uma construção, posto que não existe uma passagem linear, contínua e discreta do mundo quântico ao visível. A partir da leitura einsteiniana, a matéria tem uma “tendência” a existir e os acontecimentos uma “tendência a produzir-se”: a ordem apoia-se no caos, e os objetos sólidos que nos cercam são compostos de vazio; a matéria é energia confinada a uma forma. Por sermos compostos de átomos, interagimos com o dispositivo de observação, produzindo uma modificação entre as dinâmicas energéticas do obser-

vador e do elemento observado.

Ora, não estamos falando aqui da impossibilidade de acesso à realidade em si (ao Real)? Como apurar a veracidade da cena de sedução, cujo papel é tão importante na gênese e no desenvolvimento da neurose e de seus sintomas? Esta cena, descrita no processo analítico foi, de fato, observada ou, antes, trata-se de uma representação de uma experiência emocional sob um modo fantasmático? As modificações energéticas entre o observador e o observado, não se repetem na dinâmica da transferência (Freud, 1912) entre analista e analisando? Dar, via transferência, representação psíquica a um impulso seria uma tendência a existir da realidade psíquica. Acreditamos, também, que o Princípio da Incerteza – não saber ao certo onde a partícula será encontrada – é algo bem próximo do inconsciente psicanalítico que só se dá a conhecer através de suas formações: lapsos, esquecimentos, sonhos, e o sentimento de estranheza (*Unheimlich*) (Lacan, 1957).

Dando prosseguimento as minhas indagações, decide estudar Psicologia. Ainda durante o curso, sempre interpe-lado pelas possíveis interlocuções entre as duas disciplinas, comecei a formação em Psicanálise, assim como uma análise pessoal.

Contudo, o meu interesse pela Física nunca diminuiu, e minhas contínuas leituras nesta área prosseguem, sendo uma inestimável contribuição para a compreensão de certos aspectos da Psicanálise.

Por dois anos fui professor de Psicopatologia e de Psicanálise na PUC-MG. Meu trabalho institucional levou-me a fazer um doutorado na França, e a continuar minha formação psicanalítica naquele país.

Os oito anos que morei em Paris, nessa primeira etapa, foram extremamente proveitosos para os meus estudos. Na Universidade de *Paris VII - Diderot* defendi, sob a orientação de Sophie de Mijolla-Mellor, uma tese que teve por título: *A formação do sentimento de identidade sexual no Transexual*. A tese, publicada em português pela editora Artesã sob o título *Transexualidades*, contou em 2025 com a quarta edição. Concomitantemente, dei continuidade a minha formação psicanalítica na *Société de Psychanalyse Freudienne* (SPF), à qual, posteriormente, me filiei.

Talvez, devido a minha herança direta da Física, que indicava que os acontecimentos têm “tendência a existir”, e a contrapartida freudiana que nos diz que não se tem acesso à Verdade, ao Real, interessei-me cada vez mais pelas pluralidades das possíveis leituras do pensamento freudiano. Foi assim que participei de seminários de vários psicanalistas, cada uma com seu próprio entendimento de Freud e de outros autores contemporâneos. Dentre elas, e eles, destaco, Joyce McDougall, Colette Soler, Piera Aulagnier, Heitor O’Dwyer de Macedo, Radmila Zygouris, Joël Dor, André Green, Jean Laplanche, Patrick Guyomard, Jacques-Alain Miller, além de psicanalistas nos USA e no Reino Unido. O contato com esses profissionais, e com as teorias com as quais eles

mais se identificavam, marcaram definitivamente o meu trajeto teórico-clínico, fazendo de mim um estudioso cuja base de pensamento é profundamente freudiano.

A escrita do meu doutorado, deu-me a oportunidade de confirmar minhas hipóteses segundo a qual as leituras das chamadas *transexualidades* (na ocasião da tese a denominação era *transexualismo*) era tributária da referência teórica utilizada por aqueles, aquelas, que procuram entender a dinâmica psíquica que sustentava a fenomenologia desses casos.

Foi assim, que me deparei com inúmeros “diagnósticos” que tentavam classificar essa manifestação do sexual: perversão, psicose, por escaparem à lógica fálica e às fórmulas de sexuação, histeria, uma forma de negar a homossexualidade e outras tantas. O que mais marcou minhas pesquisas teóricas-clínicas sobre as transexualidades foi constatar que cada autor, dentro de seu referencial teórico, apresentava sua *Verdade*, sem que fosse possível encontrar um consenso etiológico.

Segui, então, o caminho várias vezes indicado por Freud ao longo de sua obra: «masculinidade» e «feminilidade» *são pontos de chegada e não de partida*. E o ponto de chegada é sempre uma construção tributária da particularidade dos processos identificatórios. Isto é, do lugar que o recém-nascido, candidato a sujeito, ocupa no desejo do Outro, e no narcisismo daqueles/as que lhe deram o que chamo de “berço psíquico” (Ceccarelli, 2002). O caráter incerto da mas-

culinidade e da feminilidade rompem com a realidade anatômica, fazendo que a significação dessas noções nada tenha de natural: elas são convenções culturalmente construídas, e resultam de processos bem mais complexos que vão muito além das predisposições e das determinações instintuais e geneticamente herdadas (Freud, 1930). Enfim, o imaginário é o destino da anatomia.

Constatai, igualmente, que as questões ligadas ao gênero não guardam relações diretas com o corpo biológico, e que todo ser falante, independentemente de sua identidade trans ou cis, trará sempre um sentimento de estranheza (*Unheimlich*) oriundo do real do sexo.

As transexualidades nos incitam a revisar alguns dos pressupostos teórico-clínicos da Psicanálise, sob pena de insistirmos em modalidades rígidas de subjetivação que ditam o normal e o patológico, produzindo uma nova ordem repressiva (Ceccarelli; Levy, 2012). Creditar à Psicanálise um saber que lhe outorgue o direito de ditar os caminhos “normais” de subjetivação, seria transformá-la em um discurso fundamentalista.

De volta ao Brasil, residi por alguns anos em São Paulo, dando prosseguimento a meu trabalho de pesquisa teórico-clínico. Na ocasião participei, como pesquisador, do Laboratório de Psicopatologia Fundamental do Núcleo de Psicanálise do Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica da PUC-SP. Fui cofundador do Laboratório de Psicopatologia Fundamental do Departamento de Psicologia

Médica e Psiquiatria da Faculdade de Ciências Médicas da UNICAMP, e afiliei-me à Rede Universitária de Pesquisa em Psicopatologia Fundamental. Trabalhei, também, como consultor e colaborador no projeto PRO-SEX (Projeto Sexualidade) do Departamento de Psiquiatria do Hospital das Clínicas de SP, e no do Ambulatório de Endocrinologia do mesmo hospital.

Alguns anos depois, retornei para Belo Horizonte, e retomei meu trabalho de professor na PUC-MG, e minha prática clínica. Logo após, afiliei-me ao Círculo Psicanalítico de Minas Gerais (CPMG), e em 2016 participei da fundação do Círculo Psicanalítico do Pará (CPPA). Regularmente apresento trabalhos em congressos, dou conferências e palestras, assim como ministro cursos e seminários tanto em BH, como em outras cidades do estado, e em outros estados o Brasil. Continuo a manter contatos com colegas psicanalistas na França, em especial em Paris, e em Nova Iorque. Nestas cidades, participo de eventos ligados à Psicanálise. Interessa-me sobremaneira a clínica psicanalítica onde o diálogo com a teoria e a prática, dá-se de forma privilegiada.

Quando voltei para Belo Horizonte, comecei a ministrar seminários em locais de formação analítica, que me possibilitou a retomar minhas pesquisas na intercessão Psicanálise e Física. Partindo da premissa foucaultiana segundo a qual "a história da sexualidade deve ser feita, antes de mais nada, do ponto de vista de uma história dos discursos" (Foucault, 1985, p. 66), comecei a pesquisar sobre aquilo que Kuhn

(2006, 46) chama de “desenvolvimento científico”: a estrutura intelectual sob a qual um cientista trabalha. Tal expediente, nos permite compreender a influência que as crenças e as ideias de um cientista participam de sua investigação, o que leva, ou não, a avançar do conhecimento.

O estudo das bases epistemológicas do pensamento freudiano é profundamente marcado, entre outros, pela presença da física, da química e da teoria da evolução de Charles Darwin.

Apenas um exemplo, ao qual poderíamos acrescentar muitos outros: o princípio de conservação de energia, do conhecido Robert Mayer com quem Freud estudou, está presente no famoso *Estudos sobre Histeria*, de Breuer e Freud (1893-1895). Os sintomas histéricos – cegueira, paralisia... – são manifestações físicas da energia psíquica bloqueada. Devido ao mecanismo do recalque presente no sintoma histérico, a energia psíquica, que deveria fluir sem grandes dificuldades, torna-se, por algum motivo, bloqueada, fazendo com que ela encontre outras formas de descarga: os sintomas. Ademais, tanto na histeria quanto na neurose de angústia, “em vez de uma elaboração psíquica (*psychischen Verarbeitung*) da excitação, há um desvio dela para o campo somático” (Freud, 1895, 134). As associações livres ocorrem devido a elaboração psíquica: processo que transforma a *quantidade física* (energia) em *qualidade psíquica* (representação). Breuer e Freud observam que, por trás do mecanismo do recalque, encontra-se o princípio de conservação de ener-

gia. Como isso, eles apresentaram uma explicação científica para um fenômeno que, até então, parecia obscuro.

O modelo freudiano é um modelo de forças, de energias – a dinâmica pulsional - baseado nos modelos da física e da química de sua época. Os termos usados, falam por si só: resistência; recalque; repressão; sublimação; transferência; deslocamento; condensação...

Freud (1914) entende o aparelho psíquico com um dispositivo destinado a dominar as excitações que de outra forma seriam sentidas como aflitivas ou teriam efeitos patogênicos.

O tratamento que Freud dá à libido, força pela qual definimos a energia de Eros, não poderia ser mais claro do que na citação que se segue:

A libido deve ser armazenada em algum lugar. Supomos que ela "investe" ou "carrega" certas áreas e partes do aparelho psíquico, assim como uma corrente elétrica carrega uma bateria ou acumulador; que, assim como uma carga elétrica, está sujeita à alterações quantitativas; que permanecendo sem descarga, exibe uma tensão proporcional à quantidade da carga e procura escoar-se; e ainda, que é continuamente alimentada e recarregada por geradores físicos (Bullitt; Freud, 1984, 54).

Cabe lembrar que a pulsão, conceito-fronteiriço entre o psíquico e o somático, representa "uma medida da exigência de trabalho (*Arbeitsanforderung*) imposta ao anímico em decorrência de sua relação com o corporal" (Freud, 1915, 25).

Novamente, elementos da eletricidade podem, metaforicamente, *oferecer* uma visualização mais acurada da dinâmica pulsional. Para Freud, tanto a pulsão, quanto o instinto têm quatro elementos:

1-) fonte [*Quelle*]: processo somático que ocorre num órgão ou parte do corpo. Porém, fato decisivo para a compreensão das pulsões, o estudo de suas fontes não pertence à Psicologia, pois sua origem é somática (Freud, 1915);

2-) força [*Drang*]: fator motor. Representa medida da exigência de trabalho;

3-) objetivo [*Ziel*]: a satisfação, que só pode ser obtida eliminando-se o estado de estimulação na fonte;

4-) objeto [*Objekt*]: coisa em relação à qual ou através da qual a pulsão é capaz de atingir sua finalidade que só pode ser obtida eliminando-se o estado de estimulação na fonte.

A única diferença entre o instinto e a pulsão está no quarto elemento: o objeto. Enquanto no instinto ele é hereditariamente determinado, na pulsão ele é o que há de mais variável. Originalmente, não está ligado a ela, e só é destina-

do a sê-lo, por apresentar-se como peculiarmente adequado a tornar possível a satisfação pulsional.

Estes quartos elementos podem ser comparados a um circuito elétrico:

1-) fonte [*Quelle*]: a geração da eletricidade que advém de várias fontes: hidráulica, térmica, nuclear, solar, eólica...

2-) força [*Drang*]: medida em kilowatts (kW) indica a potência de energia gerada;

3-) objetivo [*Ziel*]: fazer um dispositivo elétrico funcionar;

4-) objeto [*Objekt*]: qualquer um. Pouco importa se ele produz calor - forno elétrico, chuveiro elétrico, aquecedor... – ou frio – ar-condicionado, geladeira...

Como vemos, o objeto pelo qual a energia será usada é o menos importante. Se tocarmos diretamente uma fonte de eletricidade, como uma tomada, receberemos uma descarga elétrica (choque). Temos aqui, o que a Psicanálise chama de angústia: uma manifestação da energia pulsional sem representação.

A energia, assim como a pulsão, tem um objeto fixo pelo qual a força é liberada. Em uma residência, por exemplo, a entrada da energia é só uma: a fonte. Mas, os objetos que irão funcionar graças a ela são inúmeros: as lâmpadas, ar-condicionado, forno elétrico, lava-louças, máquinas de lavar, e outros tantos.

Contudo, essa energia pode achar-se bloqueada, produzindo "sintomas": um curto-circuito, uma volta brusca da energia após sua queda, um pico de energia, e assim por diante.

Resumindo: embora a energia (o representante-afetivo) provenha de uma única fonte, os elementos que serão postos em funcionamento (o representante-representação) são extremamente variados.

Outro ponto, é a utilização da palavra trabalho (*Arbeit*). Para Freud, essa noção é avaliada em *joules*: uma unidade para medir a energia mecânica (trabalho). O trabalho psíquico (*psychische Arbeit*) faz com que a energia sem vinculação, que pode ser descarregada como angústia, se desloque e se vincule a representações de palavras. E a palavra, ou melhor, a linguagem, é central na situação analítica, local de fortes reações emocionais. Quando o afeto é colocado em palavras, a energia se desloca (produz trabalho), dando-lhe uma representação.

Muitas vezes fui convidado para ministrar seminários para os alunos de Master 1 e 2, na *Université de Bretagne Occidentale*, França. Em 2007, recebi um convite para lecio-

nar dois anos naquela instituição. Durante esse tempo, fiz um pós-doutorado na Universidade de Paris VII, cujo tema foi a participação da mitologia na construção da noção de normalidade e de patologia. Nesse período, frequentei, com mais afinco, a *Société de Psychanalyse Freudienne*, além de seguir regularmente os seminários da psicanalista Elisabeth Roudinesco.

Graças às inúmeras idas a Belém, e à acolhida sempre generosa dos colegas da Pós-Graduação em Psicologia/UFGA, onde por vários anos fui professor e orientador de pesquisas, tive amplo contato com profissionais que trabalham com a população autóctone, o que me permitiu reunir material para a pesquisa de pós-doc.

Estudar os mitos das populações autóctones, hoje chamados de povos originários, deixa claro o quanto eles são relatos que o homem constrói para explicar o que ele ignora: a própria essência da realidade de uma cultura encontra ali sua razão. Para que um determinado relato mítico tenha valor de verdade, para que seja sagrado, ele deve narrar como, “graças às façanhas dos Entes Sobrenaturais, uma realidade passou a existir” (Eliade, 2000, p. 11).

As origens dos mitos, que se confundem com a dos seres humanos, representam o patrimônio fantasmático de uma cultura. Os relatos míticos balizam o caminho, sempre imaginário, através da barra do recalque, ligando o processo primário ao secundário.

Minha incursão pela mitologia confirmou, ainda mais, a “tendência a existir”, ao mostrar o quanto a teoria psicanalítica é impregnada de mitos. As bases que sustentam a nossa prática teórica-clínica são sempre mitológicas: “as nossas teorias são uma espécie de mitologia. Não se pode dizer o mesmo, atualmente, a respeito da sua física?” pergunta Freud a Einstein? (Freud, 1933, p. 17).

Quanto à teoria pulsional, ela é, “por assim dizer, nossa mitologia. As pulsões (*Triebe*) são entidades míticas, magníficos em sua imprecisão” (Freud, 1933a, p. 98).

O mito da horda primeva, descrito em *Totem e Tabu* (Freud, 1913), é o fim da odisseia do “tornar-se humano” que começou pelo mito de uma catástrofe ecológica sem precedentes, como descrito no texto achado em 1985, e publicado no Brasil em 1987: *Neurose de transferência: uma síntese*.

A realidade psíquica, isto é, as leituras do Real, tem a mesma função dos mitos em termos de economia libidinal, pois oferecem representações às pulsões. As perdas mitológicas podem ser sentidas pelo sujeito e pela cultura, como uma perda das referências identificatórias, pois desfazem a circulação pulsional, produzindo um colapso da função imaginária e simbólica (Ceccarelli, 2007).

O título desse texto – *Caminhos e descaminhos da Psicanálise* – reflete bem como meu interesse pela Psica-

nálise foi se construindo através em uma dimensão transdisciplinar. A primeira leitura do Real, a qual se tem acesso, no meu caso a eletricidade, nos acompanha e nos marca ao longo da vida, servindo sempre de lente para outras leituras.

Paulo Roberto Ceccarelli

Psicólogo – Psicanalista, Doutor em Psicopatologia fundamental e Psicanálise – *Université Paris 7 – Diderot*. Pós-doutor - *Université Paris 7 – Diderot*. Membro da *Société de Psychanalyse Freudienne* (SPF) – Paris, França. Sócio do Círculo Psicanalítico de Minas Gerais (CPMG). Sócio fundador do Círculo Psicanalítico do Pará (CPPA). Membro ativo do Espaço Brasileiro de Estudos Psicanalíticos (EBEP-BH). Professor das especializações do Instituto ESPE e coordenador de programas de formação livre. Membro do Corpo Docente do Contemporâneo: Instituto de Psicanálise e Transdisciplinaridade – POA, RS. Coordenador de seminários na PERCURSO: Grupo de Estudos e Formação em Psicanálise, Manaus, AM. Membro da Associação Piera Aulagnier. Pesquisador Associado do LIPIS (PUC-RJ). Membro da Associação Universitária de Pesquisa em Psicopatologia Fundamental. Professor e orientador de pesquisas do Mestrado em Promoção de Saúde e Prevenção da Violência/MP da Faculdade de Medicina da UFMG. Professor da pós em Sexualidade Humana, da Fac. Santa Casa, BH. Membro do Programa Antártico Brasileiro. Diretor científico da CASM, Clínica Ampliada de Saúde Mental. (CASM: <https://casm.bhz.br>). Coordenador do Instituto Mineiro de Sexualidade (IMSEX: www.imsex.com.br).

Referências

- BREUER, J.; FREUD, S. (1893-1895) Estudos sobre a histeria. In: FREUD, S. *Obras completas*. v. II Rio de Janeiro: Imago, 1969.
- BULLITT, W.; FREUD, S. (1966) *Thomas Woodrow Wilson: um estudo psicológico*. Rio de Janeiro: Graal, 1984.
- CECCARELLI, P. R. Configurações edípicas da contemporaneidade: reflexões sobre as novas formas de filiação. *Pulsional Revista de Psicanálise*, São Paulo, ano XV, n. 161, p. 88-98, set. 2002.
- CECCARELLI, P. R. Don Quixote e a transgressão do saber. *Revista Mal-Estar na Subjetividade*, v. 9, n. 3, p. 917-937, 2009.
- CECCARELLI, P. R. Mitologia e perversão. In: Pastori S.; Nicolau, R, (org.). *Encontro Transcultural: subjetividade e psicopatologia no mundo globalizado*. São Paulo: Escuta, 2012. p. 61-89.
- CECCARELLI, P. R. Mitologia e processos identificatórios. *Tempo Psicanalítico*, Rio de Janeiro, v.39, p. 179-193, 2007.
- CECCARELLI, P. R. O sexual e a verdade do sujeito. In: Andrade E., Freitas V.; Ceccarelli P. R. (org.). *A psicanálise na vida contemporânea*. Literatura em Cena, 2019. p. 193-204.
- CECCARELLI, P. R. Psicanálise, sexo e gênero. *Estudos de Psicanálise*, n. 48, p. 135-146, 2017a.
- CECCARELLI, P. R. Trabalho, laço social e sofrimento psíquico. *Estudos de Psicanálise*, n. 57, p. 171-178, 2022.
- CECCARELLI, P. R. *Transexualidades*. 4 ed. Belo Horizonte: Artesã, 2025.
- CECCARELLI, P. R. Transexualidades e mudanças discursivas. *Estudos de Psicanálise*, n. 47, p. 83-90, 2017.

CECCARELLI, P. R.; LEVY, E. A patologização da normalidade: rumo a uma nova ordem repressiva. In: Lemos, F.; Silva, A.; Santos, C.; Silva, D. (org.) *Transversalizando no ensino, na pesquisa e na extensão*. Curitiba: Editora CRV, 2012, p. 427-440.

EINSTEIN, A. (1953) *Como vejo o mundo*. 11 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

EINSTEIN, A. (1905-1915) O princípio da relatividade. In: *Textos fundamentais da Física Moderna*. 4. ed. São Paulo: Saraiva, 971.

ELIADE, M. *Mito e realidade*. 5 ed. São Paulo: Perspectiva, 2000.

FOUCAULT, M. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. 13 ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

FREUD, S. (1908). Moral sexual 'civilizada' e doença nervosa moderna. In: FREUD, S. *Obras completas*. v. IX. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

FREUD, S. (1912) Sobre a dinâmica da transferência. In: *Obras Incompletas de Sigmund Freud*. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

FREUD, S. (1913). Totem e Tabu. In: FREUD, S. *Obras completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1974, vol. XIII.

FREUD, S. (1915). *As pulsões e seus destinos*. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

FREUD, S. (1930). *O mal-estar na cultura*. L & PM, 2016.

FREUD, S. (1933). Por que a guerra? In: FREUD, S. *Obras completas*. vol. XXII Rio de Janeiro: Imago, 1974.

FREUD, S. (1933a). Ansiedade e vida pulsional, conf. XXXII. In: FREUD, S. *Obras completas*. v. XXII. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

FREUD, S. (1987). *Neuroses de transferência: Uma síntese*. Rio de Janeiro: Imago.

KUHN, T. (1962) *A Estrutura das Revoluções Científicas*. 9 ed. São Paulo: Perspectiva, 2006.

LACAN, J. (1957) A psicanálise e seu ensino. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.